

Paul Tillich e as religiões: desafios para um encontro transreligioso

Paul Tillich and Religions: Challenges for a Transreligious Encounter

Carlos Alberto Motta Cunha

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) - Brasil

Resumo

Como o pensamento de Paul Tillich pode contribuir para a construção de uma teologia cristã do diálogo inter-religioso na contemporaneidade? A partir desse questionamento central, busca-se demonstrar que a teologia de fronteira de Tillich apresenta potencial para fundamentar encontros transreligiosos no contexto das sociedades multirreferenciais. A pesquisa insere-se na proposta metodológica da correlação, associada à abertura às religiões, com o propósito de sugerir caminhos para uma teologia cristã que dialogue criticamente com outras tradições de fé. O referencial teórico-conceitual é transdisciplinar, alicerçado na análise da obra tillichiana em diálogo com autores contemporâneos, como Moltmann, Panikkar, Morin, Nicolescu, entre outros. Utiliza-se o pensamento complexo e transdisciplinar como referencial epistemológico. O artigo está estruturado em três seções: inicialmente, discute-se a noção de “fronteira” e o método da correlação enquanto tempo teológico e hermenêutico. Na sequência, examina-se a influência do contato de Tillich com o Oriente, evidenciada por sua viagem ao Japão e pelo impacto das tradições budistas em sua reflexão. Por fim, indicam-se implicações práticas para a teologia cristã do diálogo inter-religioso, com ênfase no encontro, na preservação da identidade religiosa e na abertura ao transreligioso. Conclui-se que a teologia de Tillich, mediante sua postura crítica e acolhedora, oferece um caminho promissor para um diálogo inter-religioso fundamentado na fé cristã, porém aberto ao Mistério do Sagrado presente em outras tradições. A correlação e a fronteira configuram-se como categorias produtivas para a elaboração de uma teologia inclusiva, contextual e dialógica.

Palavras-chave

Paul Tillich.
Diálogo inter-religioso.
Teologia cristã.
Fronteira.
Transreligiosidade.

Abstract

How can Paul Tillich's thought contribute to the development of a Christian theology of inter-religious dialogue in contemporary times? From this central inquiry, this study aims to demonstrate that Tillich's boundary theology holds potential to underpin transreligious encounters within the context of multireferential societies. The research is situated within the methodological framework of correlation, coupled with openness to religions, with the purpose of proposing pathways for a Christian theology that engages critically with other faith traditions. The theoretical-conceptual framework is transdisciplinary, grounded in an analysis of Tillich's work in dialogue with contemporary authors such as Moltmann, Panikkar, Morin, Nicolescu, among others. Complex and transdisciplinary thinking is employed as the epistemological reference. The article is structured in three sections: first, it discusses the notion of "boundary" and the method of correlation as theological and hermeneutical time. Subsequently, it examines the influence of Tillich's encounter with the East, as evidenced by his trip to Japan and the impact of Buddhist traditions on his reflection. Finally, practical implications for Christian theology of inter-religious dialogue are indicated, emphasizing encounter, preservation of religious identity, and openness to the transreligious. It is concluded that Tillich's theology, through its critical and welcoming stance, offers a promising path for inter-religious dialogue rooted in Christian faith yet open to the Mystery of the Sacred in other traditions. Correlation and boundary emerge as fruitful categories for the development of an inclusive, contextual, and dialogical theology.

Keywords

Paul Tillich.
Inter-religious
dialogue.
Christian
theology.
Boundary.
Transreligiosity

Introdução

No ano de 2025, a promulgação da Declaração *Nostra Aetate* — documento do Concílio Ecumênico Vaticano II que trata da relação da Igreja Católica com as religiões não cristãs — completa seis décadas, datando de 28 de outubro de 1965. De forma notavelmente curiosa, no mesmo ano, mês e a poucos dias da publicação da referida declaração, ocorre o falecimento de Paul Johannes Oskar Tillich, teólogo germano-americano de destacada relevância no diálogo inter-religioso e na teologia da cultura, em 22 de outubro de 1965.

O presente texto inscreve-se no espírito da *Nostra Aetate* e dialoga com a teologia de Paul Tillich. Da referida Declaração conciliar, extrai-se a inspiração para uma fraternidade universal, alicerçada no amor segundo a teologia joanina: “quem não ama, não conhece a Deus” (1Jo 4,8), servindo como base para práticas inclusivas e promotoras do diálogo inter-religioso. À luz do espírito de Jesus Cristo, os cristãos são conclamados a rejeitar “toda

discriminação ou perseguição motivada por raça, cor, condição social ou religião” (NA, 5). Da teologia tillichiana, por sua vez, extraem-se, em linhas gerais, referenciais teórico-práticos e metodológicos que contribuem para a elaboração de uma teologia cristã do diálogo inter-religioso contextualizada às demandas do nosso tempo.

O nosso itinerário desenvolve-se em três momentos. No primeiro, abordamos a relevância da categoria “fronteira” no método da correlação elaborado por Paul Tillich, destacando sua contribuição para o diálogo entre religiões e espiritualidades. Em seguida, analisamos o impacto da viagem de Tillich ao Japão, compreendida como uma experiência de travessia que suscitou revisões significativas em sua reflexão teológica, especialmente no tocante à articulação entre o princípio protestante e a substância católica. Por fim, no terceiro momento, indicamos, de modo introdutório, como a teologia tillichiana interpela a teologia cristã do diálogo inter-religioso, desafiando-a a situar-se de forma crítica e construtiva diante das exigências de uma contemporaneidade inclusiva e contextualizada.

Fronteira e correlação

A fronteira tem um papel importante no pensamento e na vida de Paul Tillich. Conhecido como “teólogo da fronteira” (Gibellini, 2002), Tillich, na sua autobiografia *On the boundary: an autobiographical sketch*, afirma: “A fronteira é o melhor lugar para a aquisição de conhecimento” (Tillich, 1966a, p. 13). Levando em consideração o dinamismo da sua vida e a articulação da sua produção teológica, podemos dizer que a fronteira tillichiana é um locus theologicus por excelência. Na perspectiva de Tillich, o lugar teológico não se restringe à fonte da teologia cristã, mas abrange também o contexto cultural e o tempo oportuno do teologizar¹.

Teologia de Fronteira

A teologia de fronteira de Tillich inspira esforços para a construção de teologias empenhadas em acolher a pluralidade das culturas contemporâneas.

¹ Confira a reflexão de Eugenio Rivas sobre como, hoje, o “tempo teológico” é mais significativo do que “lugar teológico” (Rivas, 2018, p. 26-31).

Fronteira, neste sentido, não é vista como espaço-limite, mas como espaço-oportuno. É o espaço de novas oportunidades e possibilidades diante dos desafios impostos às religiões e às espiritualidades, com as suas teologias, em um mundo multirreferencial². As regiões fronteiriças são ideais para a construção de identidades porque favorecem a articulação de diferenças culturais num movimento de deslocamento e superação, não negação, das diferenças (Bhabha, 2012, p. 20).

No âmbito do diálogo inter-religioso, a fronteira favorece encontros entre tradições, provocando a desinstalação do fiel dos seus próprios ambientes. Desinstalar-se dos lugares acomodados parece ser um exercício necessário para quem está aberto à comunhão. Sair dos espaços de origem e ousar trilhar novos lugares não só permite ver com mais propriedade os limites e as contribuições dos próprios recintos, como também possibilita a abertura para horizontes mais amplos. Parece-nos que a lógica do processo se resume a: quanto mais diálogo com o outro, maior é a nossa aproximação com ele e com o Divino. O contrário também parece correto: quanto mais eu me afasto do outro, maior é a distância do Sagrado.

A fronteira entre as religiões e espiritualidades seria como um evento kairótico, em que a esperança do “além”, entre os que dialogam, alimenta a expectativa da novidade por outro mundo possível. “É ser parte de um tempo revisionário, um retorno ao presente para redescrever nossa contemporaneidade cultural; reinscrever nossa comunidade humana, histórica; tocar o futuro em seu lado de cá” (Bhabha, 2012, p. 27). O espaço fronteiro conjuga os limites e as contribuições de cada religião, revela os elementos próprios de cada confessionalidade e testemunha ao mundo a riqueza das tradições de fé.

No pensamento tillichiano, a “fronteira” (*boundary*)³ correlaciona a revelação cristã com os anseios das culturas modernas. Uma teologia

² Jacques Ardoino entende o mundo multirreferencial como uma forma de compreender a realidade a partir de múltiplos pontos de vista simultâneos, reconhecendo que nenhum deles, isoladamente, é capaz de dar conta da complexidade do real. Mais do que a complexidade (E. Morin), a multirreferencialidade não é apenas “usar várias disciplinas”, mas articular diferentes registros de leitura — teóricos, metodológicos, epistemológicos, simbólicos, políticos, subjetivos — em uma rede de interpretações (Ardoino, 2012, p. 87-99).

³ Paul Tillich utiliza o termo *boundary* ao invés de *frontier*. As duas palavras podem ser utilizadas para indicar limites de áreas. No entanto, *boundary*, no sentido figurado, aponta

relevante para o tempo presente busca ter o que dizer aos dilemas da contemporaneidade. Ela se coloca na fronteira entre “a verdade eterna de seu fundamento e a situação temporal em que esta verdade eterna deve ser recebida” (Tillich, 2005, p. 22), satisfazendo duas necessidades básicas: “a afirmação da verdade da mensagem cristã e a interpretação desta verdade para cada nova geração” (Tillich, 2005, p. 22).

Sem a pretensão de responder de forma conclusiva às perguntas existenciais dos sujeitos contemporâneos, a Answering Theology (“teologia de repostas”) de Tillich se deixa ser interpelada pelas inquietações culturais, manifestas na ciência, arte, política, economia e outras instâncias, para dizer a própria palavra cristã. A tarefa do(a) teólogo(a) não consiste somente em ver a realidade, mas em responder à situação. A apologética tillichiana se dá entre dois polos: o Evangelho, o querigma, e a situação, a condição existencial. Cabe ao(à) teólogo(a) analisar, primeiramente, a situação humana, utilizando todas as fontes culturais disponíveis, identificar as perguntas existenciais para, em segundo momento, mostrar como os símbolos cristãos podem responder a tais questões. A “situação” – compreendida nas formas científicas, artísticas, econômicas, políticas e éticas pelas quais se expressa a interpretação da existência – é, para a teologia, uma realidade que deve ser considerada, pois “é a interpretação criativa da existência tal como se realiza em todos os períodos da história, sob todos os tipos de condições psicológicas e sociológicas” (Tillich, 2005, p. 22).

O método da correlação

O método da correlação de Tillich tem como *locus* a situação de fronteira (*boundary-situation*). Ele busca explicar os conteúdos da fé através de perguntas e respostas teológicas em interdependência mútua. O próprio termo “correlação” já comporta em si mais de uma possibilidade, abrindo caminhos para expressar a relação entre conceitos, ideias e pensamentos que podem ser totalmente diferentes. Mais do que um jogo de perguntas e

para a possibilidade de flexibilização de recuo e avanço das fronteiras do conhecimento. Assim, ela parece ser mais rica de significado do que a palavra *frontier* (Crowther, 1998, p. 129).

respostas, a correlação se dá na experimentação da realidade. Só há possibilidade de fronteira na abertura provocada pela situação.

Para Tillich, o princípio da correlação, mesmo com todas as suas limitações⁴, é o caminho adequado para unir mensagem cristã e situação existencial. “Correlaciona perguntas e respostas, situação e mensagem, existência humana e manifestação divina” (Tillich, 2005, p. 25). O método “explica os conteúdos da fé cristã através de perguntas existenciais e de respostas teológicas, em interdependência mútua” (Tillich, 2005, p. 58). A correlação afirma a necessidade de pensar qualquer realidade juntamente com outra realidade, na medida em que elas se encontram em relação de dependência recíproca. Interpretações do real por meio da correlação entre dois ou mais elementos criam entre eles um vínculo de modo que os elementos relacionados só podem existir juntos, razão pela qual é impossível que um aniquile a existência do outro.

O método da correlação não é uma invenção de Tillich. Ele aparece em Platão, Aristóteles e Tomás de Aquino, por exemplo. A novidade propiciada por Tillich está na multiplicação de ângulos para captar a realidade da melhor maneira possível. É o “princípio hermenêutico supremo, o cânon interpretativo fundamental, o ângulo de observação preferido, o refletor potente que ilumina todo o palco do mundo” (Mondim, 2003, p. 98).

Teólogos contemporâneos, como Claude Geffré (1926-2017) e Roger Haight (1936-2025), dialogam de maneira crítica e criativa com o método de correlação proposto por Paul Tillich. Geffré, por exemplo, fundamenta-se no pensamento tillichiano para evidenciar a universalidade do símbolo da cruz, articulada com o sacrifício da particularidade histórica. Essa ideia é sintetizada por ele na fórmula: “Cristo é Jesus e a negação de Jesus” (Geffré, 2004, p. 167), evidenciando uma tensão entre a singularidade do evento cristológico e sua abertura universal. Haight, por sua vez, ao desenvolver seu método cristológico, denomina-o de “método hermenêutico de correlação crítica”, cuja proposta é “ser fiel ao testemunho do passado e interpretá-lo

⁴ Tillich não era ingênuo e reconhecia os limites do método da correlação. Na introdução ao segundo volume da *Teologia Sistemática*, ele esclarece aos seus críticos o modo como utiliza o termo “correlação” e assinala os problemas relacionados à independência e à interdependência das perguntas existenciais e das respostas teológicas (Tillich, 2005, p. 311).

de maneira tal que seja significativo para a consciência contemporânea” (Haight, 2004, p. 151).

Outros autores, como Jürgen Moltmann (1926-2024) e David Tracy (1939-2025), também retomam o método da correlação como uma chave interpretativa relevante para o contexto atual. Ambos reconhecem a necessidade de estabelecer correlações mutuamente críticas entre as interpretações teológicas da situação histórica e a mensagem cristã (Tracy, 2004, p. 534), bem como de anunciar o Reino de Deus de maneira constantemente correlativa à realidade contemporânea (Moltmann, 2004, p. 75).

O legado metodológico deixado por Paul Tillich abre muitas frentes para um fazer teológico empenhado em estabelecer relações com o tempo presente, sobretudo com o pluralismo religioso. Nas palavras de Etienne A. Higuët:

Ele trazia a descoberta da profundidade religiosa em toda experiência existencial, uma fé não dogmática, uma espiritualidade ecumênica e inter-religiosa, a coragem de ser e de assumir a ambiguidade, a alienação, a dúvida, o sem-sentido, a participação em todos os grandes movimentos sociais, políticos e culturais do nosso tempo. Isso, apesar do inevitável ‘provincianismo’ do nosso teólogo (Higuët, 2010, p. 8).

Em Tillich, o método da correlação é inovador: “por sua abertura à discussão com o pensamento moderno, à acolhida da crítica à religião no âmbito da própria teologia, à tentativa de superação do espírito dogmático” (Gross, 2009, p. 59). Para o nosso teólogo da fronteira, a realidade é um entrelaçamento de correlações e, dentre elas, há uma que tem prioridade absoluta sobre todas as outras: é a correlação que intersecciona a realidade verticalmente, de baixo para cima (e vice-versa), do ser humano para Deus (e vice-versa). É com base nessa correlação que Tillich elabora a sua obra mais importante: *Teologia Sistemática*.

Na *Sistemática* de Tillich, elaborada originalmente em três volumes, durante os anos de 1951 (1º volume), 1957 (2º volume) e 1963 (3º volume), o método da correlação perpassa toda a obra: a Revelação como resposta à pergunta da razão; Deus como resposta à pergunta sobre o ser; Cristo como

resposta à pergunta sobre a alienação da existência; o Espírito como resposta à pergunta sobre a ambiguidade da vida individual e coletiva e o Reino de Deus como resposta à pergunta sobre o sentido da história. É no conjunto de perguntas existenciais que a teologia tillichiana emerge oferecendo respostas de forma sistemática.

É evidente que poucas palavras não são suficientes para abarcar a complexidade e a riqueza da Teologia Sistemática de Paul Tillich. O objetivo, neste contexto, é destacar a lógica subjacente ao método da correlação, que estrutura a sistematização de sua proposta teológica. Tomamos como exemplo as categorias Igreja e Reino de Deus, trabalhadas no 3º volume da obra. Tillich conceitua Igreja como Comunidade Espiritual, isto é, a comunidade animada pelo Espírito. Na Igreja, a Comunidade é manifesta, mas a sua ação transborda os limites da Igreja e alcança todo o mundo, as religiões e os movimentos sociais e culturais (Tillich, 1963, p. 155). Já o símbolo Reino de Deus, maior e mais efetivo do que a Comunidade Espiritual, é a resposta à pergunta pelo sentido da história. De caráter duplo, o Reino de Deus, enquanto intra-histórico, participa da dinâmica da história e, enquanto trans-histórico, responde às perguntas implícitas nas ambiguidades da dinâmica da história. Esta dupla qualidade do Reino de Deus faz dele “o símbolo mais importante e mais complexo do pensamento cristão e, mais ainda, um dos mais críticos tanto para o absolutismo político quanto eclesiástico” (Tillich, 1963, p. 323).

O recurso ao método da correlação representa uma opção epistemológica situada na fronteira entre as questões existenciais do ser humano e as respostas oferecidas pela tradição religiosa. Para que a teologia cristã mantenha sua relevância em um contexto pluralista, torna-se essencial o discernimento atento das interrogações emergentes da realidade histórica e cultural. Tal discernimento não visa à formulação de respostas teológicas definitivas ou exclusivistas, mas antes propõe uma abordagem dialógica, marcada pela abertura ao outro e pela disposição em acolher a alteridade.

Travessia do Rubicão

A expressão “atravessar o Rubicão” tem a sua origem na história da Roma Antiga. Em 49 a.C., o general Júlio César, desafiando as leis romanas, cruzou o rio Rubicão com seu exército, um ato proibido que simbolizava rebelião contra o Senado. Ao fazê-lo, César deu início a uma guerra civil, marcando um ponto sem retorno. Desde então, a frase se popularizou no sentido de tomar uma decisão ousada e irreversível, da qual não se pode voltar atrás.

No âmbito da teologia, a travessia do Rubicão ganhou notoriedade com a citação feita pelo filósofo e teólogo britânico John Hick (Hick, 1987, p. 16). Para Hick, fazer a travessia do Rubicão significa renunciar a um posicionamento e assumir uma nova direção teológica. Há uma nova chave hermenêutica que provoca a ressignificação do labor teológico feito até então. No contexto da teologia do diálogo inter-religioso, a expressão aponta para a renúncia à posição “exclusivista”, com respeito à salvação, para um posicionamento pluralista. A evidência da pluralidade de crenças, segundo Hick, obriga o cristianismo a revisar a sua compreensão teológica, sobretudo os tratados sobre a salvação e a encarnação (Hick, 1982; 1994).

O impacto do encontro com o Oriente

A teologia de Paul Tillich pode ser compreendida como uma travessia do Rubicão, caracterizada não por uma ruptura abrupta, mas por um processo gradual de amadurecimento teológico. Esse desenvolvimento decorre de múltiplos fatores, dentre os quais se destacam: as críticas dirigidas à sua Teologia Sistemática e ao método empregado; o aperfeiçoamento conceitual, teórico e prático; as interpelações provenientes de diversos interlocutores; bem como as transformações nos contextos culturais, sociais e religiosos em que sua reflexão se insere.

Circula entre os estudiosos de Tillich que, nos últimos anos da sua vida, ele teria afirmado, por mais de uma vez, que, se possível, reescreveria a sua Sistemática. Embora não haja registro público ou entrevista formal que prove tal afirmativa, os especialistas no pensamento tillichiano são unânimes em

afirmar, com base nos últimos textos de Tillich, que o contato com a escola da história das religiões provocou uma virada no seu pensamento. O próprio Tillich sugere que a sua Teologia Sistemática teria um outro contorno pensado a partir da história das religiões (Tillich, 1966b, p. 91). Isso não significa uma negação do percurso feito, mas um avanço na compreensão e na aplicação do seu método e da sua teologia.

Em 1960, Paul Tillich visitou o Japão para uma série de conferências e encontros acadêmicos e inter-religiosos. Ele já era conhecido internacionalmente por sua Teologia da Cultura e por um pensamento que abria caminhos para um diálogo fecundo entre as tradições religiosas. Tal posicionamento gerou alguns convites de universidades e instituições japonesas para ministrar palestras sobre filosofia, teologia e religião comparada, explorando principalmente a relação entre o cristianismo e religiões asiáticas, como o budismo. Mircea Eliade (1907-1986), estudioso das religiões que esteve mais próximo de Tillich nos últimos anos de sua vida, afirmava que o teólogo, desde o início da carreira acadêmica, já demonstrava interesse pela história das religiões (Eliade, 1966, p. 31-36).

A travessia do Rubicão na teologia de Tillich não significa uma ruptura com a sua fé cristã, com o método nem com as categorias teológicas utilizadas, mas um avanço para além daquilo que ele pensava, a partir das provocações oriundas do diálogo com as tradições religiosas orientais. O método da correlação, por exemplo, parece ser insuficiente para o diálogo com outras religiões. Tillich então faz uso da tipologia dinâmica, presente também na sua Sistemática, para uma abordagem mais efetiva e inconclusa das tradições religiosas. O encontro do cristianismo com outras religiões faz emergir a especificidade de cada tradição, limites e contribuições, o que, segundo Tillich, é uma riqueza para a condição humana (Tillich, 1966b)⁵.

Na viagem ao Japão, Tillich se deixou ser provocado pelas tradições budistas. Eliade relatou o feito: ele (Tillich) “ficou igualmente impressionado e comovido com o aspecto cósmico da religião xintoísta e pelas escolas zen-budistas” (Eliade, 1966, p. 31-32), muito diferente da tradição judaico-cristã.

⁵ Para um conhecimento mais detalhado da tipologia dinâmica de Paul Tillich, cf. Tillich, 1966, p. 86-87.

A condição fronteiriça da teologia tillichiana afluía como um teólogo com senso de pertença cristã (reformado e luterano), mas, ao mesmo tempo, aberto às possíveis manifestações do Sagrado nas religiões e espiritualidades.

Seria insensato afirmar que, depois da viagem ao Japão, Tillich tenha se tornado um teólogo do diálogo inter-religioso. Ele faleceu cinco anos depois desta viagem e, infelizmente, sem tempo para elaborações mais amplas. Inadequado também o enquadramento do pensamento tillichiano nos âmbitos das teorias inclusivistas, exclusivistas e pluralistas. A complexidade do pensamento de Tillich transborda para além dessas conceituações (Teixeira, 2006). Parece-nos mais coerente e em harmonia com os próprios textos de Tillich dizer que ele tinha uma visão otimista sobre as religiões. Ele entendia as experiências religiosas fora do cristianismo como experiências de revelação. A relevação permeia todas as religiões (Tillich, 1966b, p. 82).

Princípio protestante e a substância católica

A dialética entre o princípio protestante e a substância católica é um princípio hermenêutico fundamental na teologia tillichiana⁶. De forma criativa e fundamentado na filosofia e na história do cristianismo, Tillich se apropria dos termos da fórmula para acentuar a importância da lógica de contraposição entre o “princípio protestante e a substância católica”.

A substância católica (universal) faz referência ao elemento sagrado presente nas religiões. A “religião é a substância da cultura e a cultura é a forma da religião. Com isso evita-se o dualismo entre religião e cultura. Cada ato religioso, não apenas da religião organizada, mas também dos mais íntimos movimentos da alma, é formado culturalmente” (Tillich, 2009, p. 92). Para Tillich, ela representa o conteúdo universal da fé cristã, aquilo que, positivamente, dá forma e tradição à experiência religiosa. Isso inclui: a) a riqueza dos símbolos religiosos, presentes nos ritos, sacramentos e práticas litúrgicas; b) o acento da encarnação, na presença divina no mundo material; c) as marcas históricas da fé cristã ao longo do tempo e d) a integração entre fé e razão, natureza e graça. Para além da tradição Católica Apostólica

⁶ A fórmula “princípio protestante e substância católica” é explanada por Paul Tillich no terceiro volume da *Teologia Sistemática* (Tillich, 2005, p. 567-602).

Romana, a substância católica está presente nas diversas tradições cristãs: protestantes e ortodoxos.

Já o princípio protestante é o contraponto da substância católica. Ele é crítico e profético. Não é uma doutrina ou conteúdo específico, mas uma atitude crítica constante diante de qualquer tentativa de absolutizar o relativo. “O protestantismo enquanto princípio é eterno; é um critério permanente em face de todas as coisas temporais [...] na dimensão histórica, é um fenômeno temporal sujeito ao princípio protestante eterno” (Tillich, 1992, p. 14). Ele impede a identificação de qualquer manifestação histórica da religião com a revelação última de Deus.

O princípio protestante carrega os traços constitutivos do espírito da Reforma: a) crítica à idolatria religiosa (inclusive da própria Igreja); b) centralidade da graça e da fé como relação direta com Deus; c) reforma contínua, *ecclesia semper reformanda* e d) a negação de qualquer esforço, estrutural e dogmático, de absolutização do Sagrado.

O princípio protestante de Tillich é a manifestação da denúncia e do protesto profético contra tudo que é condicional que quer ser incondicional, contra tudo que é relativo que quer ser absoluto, contra tudo que é finito que quer ser infinito, contra tudo que é passível de crítica que não admite ser escrutinado, nem avaliado nem submetido a qualquer espécie de juízo. O princípio protestante critica qualquer pretensão absolutista de inerrância e de posse exclusiva da verdade, em qualquer área da vida (Caldas, 2019).

A tensão dialética da fórmula proposta por Tillich é vital para manter a fé cristã viva e relevante. Sem a substância católica, o cristianismo se torna vazio, abstrato, sem encarnação no mundo. Sem o princípio protestante, ele se torna rígido, idólatra, absolutizando formas históricas e humanas. Isso mostra como a teologia fronteira de Tillich está profundamente comprometida com os antigos símbolos cristãos, mas por outro lado, como inteligência da fé autoconsciente, é crítica “das distorções e mal-entendidos destes símbolos que tanto caracterizam a história da Igreja” (Cooper, 1997, p. 196).

“Tudo o que a religião afirma sobre Deus, inclusive suas qualidades, ações e manifestações, tem um caráter simbólico” (Tillich, 2005, p. 305). Portanto, o termo “Deus” é mais do que aquilo que dizemos sobre Ele. Não há como conhecer o Transcendente em absoluto; como dado puro. Tudo o que conhecemos sobre Ele é de modo aproximativo e interpretativo. God above God (“Deus acima de Deus”), afirma Tillich (1972) com a intenção de superação de um empreendimento religioso que reduziu a divindade a “tirano invencível que poda a nossa subjetividade e a nossa liberdade. Encontramos aqui a raiz mais profunda do ateísmo, do desespero existencialista e da angústia do absurdo” (Higuet, 2014, p. 124).

Na prática, princípio protestante e substância católica constituem um exercício necessário de acolhimento da riqueza religiosa e das suas manifestações culturais, plurais, de um lado e, por outro, um despertar crítico sobre as tradições que almejam ser absolutas, infalíveis, idólatras. No contexto do diálogo inter-religioso, a dialética tillichiana não é uma contradição a ser resolvida, mas uma dinâmica a ser vivida mantendo a fé sempre aberta ao mistério de Deus e ao desafio do presente.

Encontro com as religiões

Nesta terceira seção do artigo, a pergunta norteadora é: a partir de alguns elementos constitutivos da teologia de fronteira de Paul Tillich, quais são os desafios para uma teologia cristã do diálogo inter-religioso? O itinerário da nossa reflexão até aqui foi marcado pelo caráter objetivo de pinçar, na produção tillichiana, alguns elementos que inspirem o momento intersubjetivo, quer dizer, o que a teologia de fronteira de Tillich nos faz dizer sobre as possibilidades para uma teologia cristã do diálogo inter-religioso no nosso tempo e contexto⁷.

Os apontamentos das subseções subsequentes se inscrevem em um referencial teórico-prático moldado pelo pensamento complexo e

⁷ A ideia é inspirada no pensamento do saudoso João Batista Libanio (1932-2014). Libanio ensinava que o saber pensar supõe um tríplice movimento: objetivo - o que diz a realidade? subjetivo - o que me diz a realidade? e, intersubjetivo - o que a realidade me faz dizer? O movimento pedagógico proposto por Libanio culmina na criticidade e criatividade do próprio pensamento despertadas no terceiro movimento (Libanio, 2002, p. 44-47).

transdisciplinar. “Complexidade” é o termo que, nas últimas décadas, tem designado a busca de um paradigma epistemológico para a reforma do pensamento e a superação da lógica da redução-simplificação que domina o conhecimento científico. Para Edgar Morin, o pensamento complexo envolve o “conjunto dos princípios de inteligibilidade que, ligados uns aos outros, poderiam determinar as condições de uma visão complexa do universo (físico, biológico, antropossocial)” (Morin, 2008, p. 330). A complexidade serve de base para a construção de conceitos e metodologias capazes de articular os saberes; não é a palavra-mestra que vai explicar tudo, mas vai nos levar a explorar tudo.

O pensamento complexo requer um referencial metodológico capaz de potencializar a interação dos diversos âmbitos da vida. Diante dos problemas complexos das sociedades contemporâneas, apenas estudos de caráter transdisciplinar poderiam produzir análises satisfatórias de tais complexidades (Morin, 2008, p. 18). A transdisciplinaridade “diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina” (Nicolescu, 1999, p. 35), com o objetivo de compreender o mundo presente na unidade do conhecimento. O transdisciplinar multiplica os ângulos de aproximação que complexificam o objeto, religa conhecimentos, problematiza o contexto, articula a ciência à sapiência, fundando uma nova maneira de ser-aí-no-mundo (Cunha, 2016, p. 87). Para este exercício é preciso liberdade para transitar entre os saberes e coragem para assegurar a identidade diante do diálogo, elementos necessários para um diálogo inter-religioso efetivo.

Encontro é mais do que diálogo

Na pós-modernidade, o referencial complexo-transdisciplinar favorece múltiplos encontros. Mais do que o diálogo entre as religiões, o encontro entre elas intercambia elementos da fé, dos ritos e das tradições na eclosão do reavivamento das próprias estruturas religiosas. A situação de fronteira (*boundary-situation*) potencializa um espaço privilegiado e propício a estes encontros. Ao optar pelo termo “encontro” (*encounter*), o teólogo da fronteira assinala para a riqueza da aplicação da palavra. Encontro é mais do

que diálogo. Enquanto este trata da interação entre dois ou mais indivíduos, numa troca de palavras e conceitos, o encontro, além da interação, permite a junção de pessoas numa resistência à indiferença e na construção permanente da cultura do encontro, que restitui “a cada pessoa a sua dignidade de filho de Deus, a dignidade de um ser vivo” (Francisco, 2016).

Os espaços liminares entre religiões e espiritualidades configuram-se como loci de encontro e interlocução. O dinamismo desses “entre-lugares” propicia a emergência da criatividade, resultante da convivência aberta e da interação dialógica entre os interlocutores. Trata-se do deslocamento dos pontos de enunciação originais para um “terceiro espaço” – um território simbólico onde nenhuma das partes detém domínio absoluto e onde se dá a emergência da novidade. No âmbito da transdisciplinaridade, Basarab Nicolescu denomina esse fenômeno como de “terceiro termo incluído” (1999, p. 29-32). Paralelamente, nos estudos comparativos das religiões, Joseph Campbell identifica a transteologia como fruto da consciência da fraternidade intrínseca a toda a criação, revelando uma dimensão sacral da vida que convoca os seres humanos e o cosmos a encontros pautados na comunhão e no cuidado mútuo (Campbell, 1990, p. 45).

A identidade religiosa no encontro

O contato com outra tradição religiosa não implica a diluição da identidade própria; ao contrário, é a firme convicção do senso de pertença que estabelece as bases para um diálogo genuíno, fundamentado no reconhecimento mútuo do outro dentro da relação. Segundo Jüngen Moltmann (1926-2024), “digno de participar do diálogo é somente quem conquistou uma posição firme na sua própria religião e vai para o diálogo com a autoconsciência correspondente. Somente a domiciliação na sua própria religião capacita para o encontro com uma outra” (2004, p. 28).

O movimento na fronteira entre as religiões pressupõe um enraizamento, um senso de pertença aguçado, capaz de manter o fiel em condições de reconhecer o valor da alteridade e não se perder nos ambientes alheios. O encontro que emerge da circulação entre os espaços não é fruto de

concordâncias nem de relativismos, mas é o resultado da divergência de olhares que se complementam e da crítica madura e responsável (Cunha, 2017, p. 29).

O encontro entre as tradições religiosas e de espiritualidade se dá, de forma efetiva, por meio da divergência e não da convergência. Para Moltmann (2004, p. 29)., o diálogo inter-religioso avança para encontros necessários

[...] quando surge um conflito que ameaça a vida, e cuja solução pacífica deve ser buscada conjuntamente mediante o diálogo [...] O diálogo deve girar em torno da pergunta pela verdade, mesmo que não seja possível chegar a um consenso em relação a ela. Pois o consenso não é o objetivo do diálogo. Se um dos parceiros for convencido pelo outro, acaba o diálogo. Quando dois dizem a mesma coisa, um deles está sobrando.

O encontro digno proposto por Moltmann toca em um ponto importante para a teologia do diálogo inter-religioso. Na busca por intercâmbios religiosos, não se deve pulverizar as tradições teológicas em busca de unidade. O objetivo não é estabelecer uma religião universal. A riqueza do encontro dialogal está exatamente no acolhimento da diversidade e no reconhecimento da especificidade de cada tradição de fé. Por exemplo, quando se adjetiva a teologia como teologia cristã do diálogo inter-religioso, espera-se que o cristianismo se lance aos encontros inter-religiosos seguro das suas próprias categorias fundantes. No caso da teologia cristã, teologia e cristologia são concebidas em uma relação mútua. Uma teologia cristã das religiões capaz de dialogar com dignidade leva a sério o evento da Encarnação e não nega o que está no âmago da fé cristã. A mesma lógica se aplica às outras religiões.

O desafio transreligioso

Na linguagem contemporânea, o prefixo “trans” (proveniente do latim) tem recebido cada vez mais relevância. Com um campo semântico profundo e versátil, o termo “trans” significa “além de”, “para além de”, “o outro lado” ou “o lado oposto”. Dependendo da palavra com a qual ele se conecta, revela movimentos de passagem, superação de limites e transformação.

Em questões de identidade e de gênero, o transgênero e o transexual indicam a travessia ou superação de uma identidade de gênero normativa, para além de categorias rígidas. Nas áreas do conhecimento, o transdisciplinar aponta para saberes que ultrapassam fronteiras. Já o transcultural, transnacional e transmoderno indicam, respectivamente, interação entre culturas, políticas e superação de paradigmas. Podemos citar ainda exemplos como transgênico, transumanismo, transdemocracia, transambientalismo e outros, como possíveis chaves de leitura do mundo atual. A diversidade de neologismos simboliza passagem, fluidez, hibridismo, superação e transformação no esforço de nomear processos que não cabem em categorias fixas, mostrando que vivemos numa época de fronteiras móveis e identidades em trânsito.

O prefixo “trans” toca também as religiões e as suas teologias. Encontros transreligiosos e transteológicos são marcados por um duplo movimento: na busca pelo Transcendente, religiões e espiritualidades se unem com a consciência de que, apesar das diferenças culturais e doutrinárias, há uma experiência comum de ultrapassar os limites da existência. Por outro lado, elas se afastam para que, cada uma a seu modo, busque espaço para novas compreensões de sentido. Para Raimon Panikkar (1918-2010), toda religião aponta para o Mistério, e esse Mistério não cabe em uma única tradição; daí a necessidade de um espaço trans que reconheça a riqueza do plural (Panikkar, 2007, p. 43-46).

Panikkar, como referência no encontro transreligioso, antecipa posicionamentos que vão para além do intra e inter-religioso. Transreligioso para ele significa atravessar as fronteiras religiosas sem anulá-las, mas permitindo que surja algo novo no encontro. O “diálogo dialogal” proposto é mais do que mera troca de informações, mas encontros promovedores de experiências transformadoras para os dialogantes; uma travessia de sentido para uma espiritualidade que acolhe a diversidade como parte constitutiva da experiência do sagrado (Panikkar, 2002).

Do ponto de vista prático, a perspectiva transreligiosa é desafiada a articular um espaço comum de entendimento que permita reconhecer valores,

experiências e práticas compartilhadas, ao mesmo tempo em que se aceita a diversidade intrínseca das religiões. Ela busca transcender o exclusivismo e o relativismo, evitando tanto a imposição de uma visão única quanto a fragmentação em incomunicabilidade, o que exige uma sensibilidade hermenêutica e um compromisso ético com o respeito, a abertura e a reciprocidade no encontro inter-religioso.

Considerações finais

Ao longo deste estudo, buscou-se identificar, na teologia de fronteira de Paul Tillich, elementos significativos para a constituição de uma teologia cristã do diálogo inter-religioso, sensível às exigências contemporâneas de complexidade, pluralidade e abertura. A partir do método da correlação, da experiência de travessias culturais e religiosas, bem como da tensão criativa entre o princípio protestante e a substância católica, delineia-se um horizonte teológico que não pretende oferecer respostas definitivas, mas sim fomentar uma postura de escuta, questionamento e transformação contínua.

Mais do que configurar-se como um sistema teológico fechado, a proposta de Tillich indica uma atitude fundamental: a de manter a fé cristã em permanente interlocução com os desafios históricos, culturais e espirituais do presente. Nesse movimento, a teologia transcende sua função tradicional de mera elaboração doutrinária, passando a constituir-se como espaço dialógico — um lugar de encontro em que o prefixo ‘trans’ aponta para realidades mais dinâmicas e intensas.

Assim como Tillich propõe uma teologia que se faz no espaço liminar entre mundos, *Nostra Aetate* convida o cristão a se colocar nesse mesmo lugar de abertura, reconhecendo que o encontro com o outro amplia a própria compreensão do mistério divino. Ambas as perspectivas afirmam que a autenticidade da fé não se perde no diálogo, mas se aprofunda, pois é justamente na fronteira — onde diferenças se revelam e convergências emergem — que a experiência religiosa se mostra mais humana, mais rica e mais capaz de gerar paz.

O texto não se fecha em uma conclusão, mas permanece inconcluso: como desenvolver uma teologia que, permanecendo fiel à sua tradição, se

arrisque a transpor as fronteiras do próprio pensamento, abrindo-se à possibilidade de que o Mistério se revele também no rosto do outro? É, talvez, nesse entre-lugar do encontro e da escuta que se inscreva a mais profunda vocação da teologia em nosso tempo.

Referências

- ARDOINO, Jacques. Pensar a multirreferencialidade. In: MACEDO, Roberto Sidnei; BARBOSA, Joaquim Gonçalves; BORBA, Sérgio (Orgs.). *Jacques Ardoino & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. 2.ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013. p.20.
- BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. *Revisita e Atualizada no Brasil*. 2. ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- CALDAS, Carlos. Evangélicos sem o princípio protestante. *Instituto Humanitas Unisinos - IHU*, 12 set. 2019. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/592535-evangelicos-sem-o-principio-protestante#>. Acesso em 19 ago. 2025.
- CAMPBELL, Joseph. *O Poder do Mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- COOPER, John Charles. *The “Spiritual Presence” in the Theology of Paul Tillich: Tillich’s Use of St. Paul*. Georgia: Mercer University Press, 1997.
- CROWTHER, Jonathan (Ed.). *Oxford Advanced Learner’s Dictionary*. 50.ed. Oxford University Press, 1998.
- CUNHA, Carlos. *Paul Tillich e a teologia pública no Brasil*. São Paulo: Garimpo Editorial, 2016.
- CUNHA, Carlos. *Provocações decoloniais à teologia cristã*. São Paulo: Edições Terceira Via, 2017.
- ELIADE, Mircea. Paul Tillich and the History of Religions. In: TILLICH, Paul. *The Future of Religions*. New York: Harper & Row Publishers, 1966.
- GEFFRÉ, Claude. *Crer e interpretar: a virada hermenêutica da teologia*. Petrópolis: Vozes, 2004.

GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

GROSS, Eduardo. Método da correlação e hermenêutica. *Revista Eletrônica Correlatio*, nº 16, dez. de 2009. Disponível em: https://www.academia.edu/69838501/M%C3%A9todo_da_Correla%C3%A7%C3%A3o_e_Hermen%C3%A9utica. Acesso em 14 de ago. 2025.

HAIGHT, Roger. *Dinâmica da teologia*. São Paulo: Paulinas, 2004.

HICK, John. *God Has Many Names*. Philadelphia: The Westminster Press, 1982.

HICK, John. *The Metaphor of God Incarnate*. Christology in a Pluralistic Age. Louisville: Westminster-Knox Press, 1994.

HICK, John. The Non-Absoluteness of Christianity. In: HICK, John; KNITTER, Paul. *The Myth of Christian Uniqueness*. Toward a Pluralistic Theology of Religions. New York: Orbis Books, 1987.

HIGUET, Etienne. Além do ateísmo. A partir da teologia de Paul Tillich. *Voices of South. Theological Journal of EATWOT*, Volume XXXVII, Number 2014/4, October-December 2014.

HIGUET, Etienne. Apresentação. In: CALVANI, Carlos Eduardo. *Teologia da arte: espiritualidade, igreja e cultura a partir de Paul Tillich*. São Paulo: Ed. Fonte Editorial; Ed. Paulinas, 2010.

MOLTMANN, Jurgen. *Experiências de reflexão teológica: caminhos e formas da teologia cristã*. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

MONDIM, Battista. Paul Tillich e a teologia da correlação. In: MONDIM, Battista. *Os grandes teólogos do século vinte*. São Paulo: Ed. Teológica, 2003.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. 12.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. p. 330.

MORIN, Edgar. *O método 3: o conhecimento do conhecimento*. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

NICOLESCU, Basarab. *O Manifesto da Transdisciplinaridade*. São Paulo: Triom, 1999.

PANIKKAR, Raimon. *Ícones do mistério: a experiência de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2007.

PANIKKAR, Raimon. “¿Mística comparada?”, VV AA. *La mística en el siglo XXI*. Madrid 2002.

PAPA FRANCISCO. Por uma cultura do encontro, 2016. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2016/documents/papa-francesco-cotidie_20160913_cultura-do-encontro.html. Acesso em 21 ago. 2025.

PAPA PAULO VI. *Declaração Nostra Aetate*. Sobre a Igreja e as religiões não cristãs, 28 de out. de 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_nostra-aetate_po.html. Acesso em 24 de ago. 2025.

RIVAS, Eugenio. El 'tiempo teologal': más allá y más acá del 'lugar teológico'. In: Congresso Internacional Sociedade de Teologia e Ciências da Religião, 31. ed., 2018, Belo Horizonte. *Anais do 31º Congresso Internacional da SOTER: Religião, ética e política*. Belo Horizonte: SOTER, 2018. Edição digital, v. 1. p. 26-31. Disponível em: <http://www.soter.org.br/anais/31.pdf>

TEIXEIRA, Faustino. A substância católica e as religiões. *Revista Eletrônica Correlatio*. São Bernardo do Campo, vol. 5, n. 10. nov. 2006. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/view/1711>. Acesso em 20 de nov. 2020.

TILLICH, Paul. *A Era Protestante*. São Bernardo do Campo: Ciências da Religião, 1992.

TILLICH, Paul. *A coragem de ser*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

TILLICH, Paul. *On the boundary: an autobiographical sketch*. New York: Charles Scribner's Sons, 1966a.

TILLICH, Paul. *Systematic Theology*. v.3. Chicago: The University of Chicago Press, 1963.

TILLICH, Paul. *Teologia da cultura*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. 5.ed. São Leopoldo: Ed. Sinodal, 2005.

TILLICH, Paul. *The Future of Religions*. New York: Harper & Row Publishers, 1966b.

TRACY, David. *A imaginação analógica: a teologia cristã e a cultura do pluralismo*. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

Trabalho submetido em 27/08/2025.
Aceito em 14/11/2025.

Carlos Alberto Motta Cunha

Doutor e Mestre (bolsa CAPES) em Teologia pela FAJE, com estágio pós-doutoral (bolsa CAPES) na mesma instituição. Professor adjunto no Programa de Pós-Graduação Profissional em Teologia Prática da PUC Minas. Pesquisador e líder do grupo de pesquisa Teologia e Contemporaneidade (PUC Minas - CNPq), sócio da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER); coordenador do GT Consciência planetária, religião e ecoteologia nos congressos da ANPTECRE e do GT Religião, ecologia e cidadania planetária nos congressos da SOTER; assessor em cursos de teologia para o laicato católico e protestante. Autor de artigos científicos e livros de teologia na interface com diversas áreas do saber. <http://orcid.org/0000-0002-1981-7120>. E-mail: carloscunha@pucminas.br